

## OFICINA TRÂNSITO EMPÁTICO: PRODUZINDO NOVOS SENTIDOS COM JOVENS SOBRE MOBILIDADE URBANA

Luiz Henrique Coelho de Siqueira Teixeira <sup>1</sup>  
José Eduardo Cavalcanti <sup>2</sup>  
Ana Beatriz de Souza Silva <sup>3</sup>  
Talitha Lucena de Vasconcelos <sup>4</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é explicitar o processo de construção e concretização de uma oficina com jovens do ensino médio a respeito de um melhor comportamento no trânsito urbano na cidade do Recife - Pernambuco. A oficina foi intitulada como Trânsito Empático, criada por discentes do curso de psicologia a partir da integração destes ao Programa de Educação Tutorial Gestão Política-Pedagógica (PET GPP), vinculado à Universidade Federal de Pernambuco. O PET GPP trabalha principalmente com ações voltadas para a comunidade entendendo que a construção de conhecimento coletivo com a sociedade é essencial, pois a educação é um campo produtor de sentidos durante os processos de socialização primária e secundária. Sendo assim, torna-se viável trazer debates sociais atuais para dentro das escolas a fim de construirmos conhecimentos críticos, éticos e políticos. Por conseguinte, a oficina proposta foi realizada na Escola Pública Estadual Professor Nelson Chaves (Camaragibe-PE) com quarenta estudantes do ensino médio através de práticas de intervenção psicológica grupais a respeito do trânsito. A ação resultou na construção de novos sentidos sobre mobilidade urbana tendo como base a temática das drogas (i)lícitas, da estabilidade emocional e da (im)prudência no trânsito. Os/as discentes tiveram um espaço livre de diálogo e se familiarizaram com discussões que antes não haviam tido acesso em seus contextos. Ações como esta vão ao encontro de uma formação educacional que trabalha os direitos e deveres dentro da integralidade da pessoa e do ambiente em que ela vive, sendo uma ferramenta que deve ser continuamente explorada pela sociedade.

**Palavras-chave:** produção de sentidos; mobilidade urbana; trânsito; intervenção psicológica; Programa de Educação Tutorial.

### INTRODUÇÃO

A oficina que nos propomos a discorrer neste trabalho está ligada diretamente ao Programa de Educação Tutorial (PET), o qual foi criado em 1979 pela Coordenação de

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [luizhenrique.coelho@outlook.com](mailto:luizhenrique.coelho@outlook.com);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [eduardocavalcanti33@hotmail.com](mailto:eduardocavalcanti33@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [beatrizsouzas2107@gmail.com](mailto:beatrizsouzas2107@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora Orientadora: Doutora em Geografia, Departamento de Ciências Geográficas - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [talitha.vasconcelos@ufpe.br](mailto:talitha.vasconcelos@ufpe.br).



Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e posteriormente transferido para a Secretaria de Educação Superior no final da década de 1990. Este programa destina-se a apoiar grupos de alunos de graduação em Instituições de Ensino Superior que demonstrem interesse, potencial e habilidades destacadas para atuar em projetos de pesquisa, ensino e extensão universitária (BRASIL, 2006).

Sob a orientação de um/a docente tutor/a, os/as integrantes de cada grupo PET, também chamados de *petianos/as*, realizam atividades extracurriculares que visam garantir a melhoria da qualidade acadêmica através de experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais (BRASIL, 2006). Para além disso, essas atividades buscam dialogar com a comunidade externa à universidade, levando conhecimento e diálogo aos diferentes setores da sociedade que comumente não teriam acesso ao que é produzido dentro dos “muros” acadêmicos (FERNANDES *et al.*, 2012). Dessa forma, o PET propicia aos seus integrantes uma formação global, dialógica e interdisciplinar pautada na tríade ensino, pesquisa e extensão.

No mesmo sentido, destacamos que as atividades de ensino desenvolvidas pelos *petianos/as* do grupo propiciam uma troca multilateral imediata entre o conhecimento construído na academia e aquele produzido nas comunidades em geral. Conhecimento este que possui uma ação transformadora sobre a realidade, que demanda uma busca contínua, que implica invenção e reinvenção (FREIRE, 1992 apud FERNANDES *et al.*, 2012). Através do ensino, permeado pela extensão universitária, a universidade deve estar inserida permanentemente na comunidade, proporcionando mudanças das condições de vida de pessoas que não tiveram acesso à educação de qualidade, superando, assim, problemas sociais encontrados na própria comunidade (FERNANDES *et al.*, 2012).

De maneira mais específica, este trabalho está situado no PET Conexões Gestão Política-Pedagógica (PET GPP) vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), assim como relacionado a discentes do curso de Psicologia desta mesma universidade. O PET GPP trabalha principalmente com ações voltadas para a comunidade, a partir da extensão, com estudantes, em sua maioria, de origem popular e que, através do programa, conseguem promover capacitações para a sociedade, assim como ter a sua manutenção acadêmica (MONTALVÃO *et al.*, 2020) através das bolsas de ensino disponibilizadas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

É possível citarmos alguns dos trabalhos realizados pelo grupo em questão, como a oficina de construção de mídias digitais intitulada como “Pixel By Pixel”, o Curso de Línguas Popular Aberto à Comunidade (CLIPAC), que teve que sofrer adequações metodológicas devido ao momento pandêmico em que vivemos, e intervenções internas ao grupo visando uma

pluralidade de ideias, corpos e identidades no fazer *pétiano* para a comunidade (TEIXEIRA *et al.*, 2022).

A partir desse entendimento sobre o local em que a oficina Trânsito Empático está situada, torna-se possível a reflexão sobre os processos voltados à aprendizagem. A educação, por meio do processo ensino-aprendizagem, pode ser vista como uma prática social humanizadora, pois busca oferecer as condições necessárias para que o indivíduo se desenvolva no meio social em que está inserido. Dessa forma, levando em consideração que somos seres sociais, o nosso desenvolvimento é resultado de um processo histórico-cultural, pois na medida em que participamos das inúmeras formas de atividade social, desenvolvemos aptidões especificamente humanas (LEONTIEV, 1978 apud VICENTINI; BARROS, 2017).

Berger e Luckmann (2004) discorrem sobre os conceitos de socialização primária e secundária como processos explicitamente vinculados ao desenvolvimento ontogenético, isto é, ao percurso histórico particular de cada indivíduo em sua trajetória de vida. A socialização primária, em suma, está relacionada aos primeiros momentos de interiorização e diálogo com a realidade em que vive durante os anos iniciais de vida e servirá como base para a secundária. Esta última é aquela que poderá reforçar ou modificar a base primária do indivíduo a partir de sua interação com dispositivos sociais, tais como a igreja, mídia e, principalmente para este trabalho, a escola.

No mesmo sentido, Spink e Frezza (2013) entendem que é no momento da socialização secundária em que diversos sentidos, isto é, direcionamentos, produzidos anteriormente podem ser “desfamiliarizados”. Optamos por este conceito ao invés do “desconstruído”, pois acreditamos que aquilo que foi construído não é desfeito mas tomado como base para novos sentidos, assim como propõem as autoras, a partir de encontros (familiarização) e desencontros (desfamiliarização).

Nesse sentido, podemos considerar a instituição escolar, por meio dos processos de ensino-aprendizagem, um desses espaços promotores de novos encontros e produções de sentidos que visem a propagação de um bem-estar individual e social-coletivo. Dessa forma, a escola tem como papel social desenvolver ações por meio de processos educativos que despertem o compromisso social dos indivíduos, objetivando a formação de cidadãos com uma visão de mundo crítica e pautada no respeito ao próximo, independente de quem este possa ser (NOBRE; SULZART, 2018).

Sendo assim, temos como objetivo geral deste trabalho explicitar o processo de construção e concretização de uma oficina com jovens do ensino médio a respeito de um melhor comportamento no trânsito urbano na cidade do Recife. Para tanto, foi tomado como base

teórico-metodológica, além das supracitadas, o manual ARTPAD de McCarthy e Galvão (2001). Para as autoras, um coletivo pode ser categorizado enquanto grupo a partir de um trabalho constante com seus integrantes por meio de atividades que vão revelando os anseios e desejos daquele conjunto de pessoas. Inclusive, as próprias autoras entendem que os planos iniciais do trabalho com um coletivo podem ser alterados a depender das demandas emergidas nesse processo constante de concretização do grupal.

Em conjunto com esta perspectiva disposta, propomos também que trabalhar com grupo não necessariamente envolve construir apenas atividades com um foco - conceito abordado pelas autoras citadas - constantemente baixo, isto é, dissipado entre os/as integrantes do grupo. O trabalho com uma oficina, por exemplo, pode ser pensado a partir do conjunto de momentos que irão envolver o grupo dentro de uma dinâmica objetivando um propósito coletivo. Esse conjunto pode ser variado no que diz respeito às suas características formadoras, como foco, energia, tempo (MCCARTHY; GALVÃO, 2001) e caracterizado dentro dos seguintes momentos, nomeados pelos autores deste trabalho como: (1) aproximação; (2) desenvolvimento; (3) retorno.

O momento de aproximação é aquele em que o foco pode ser trabalhado a partir dos objetivos estipulados para a ação. Destacamos que, no contexto dessa atividade, a meditação pode ser um instrumento de importância para este momento, pois, como proposto por McCarthy e Galvão (2001) e Philippini (2011), consegue aumentar o foco da atividade durante um primeiro momento de meditação guiada e diminuir a energia grupal para que seja possível trabalhar em ambiente mais tranquilo e com menos agitação. Essa diminuição da energia é uma das características centrais dentro da meditação, entendendo que essa prática busca e almeja aumentar o nosso foco atencional à nível da consciência (MENEZES; DELL'AGLIO, 2009).

Em sequência, o momento de desenvolvimento é aquele em que os processos de (des)familiarização serão “colocados em jogo” a partir da perspectiva da produção de sentidos (SPINK, 2013) sobre a temática escolhida para a abordagem em questão. Por fim, o momento de retorno é o responsável por criar um fechamento grupal a partir do que foi trabalhado, entendendo se houve mudanças de sentidos a respeito do assunto abordado, assim como preparar as pessoas para retornar ao contexto de origem pré-intervenção.

## **METODOLOGIA**

Para construir a oficina a ser trabalhada, foi necessário elaborar um ambiente que propiciasse a liberação de uma dinâmica criativa e, para tal feito, escolher atividades que

facilitem este processo torna-se primordial (PHILIPPINI, 2011). Essa elaboração se faz presente mesmo antes da ida ao campo físico propriamente dito, uma vez que parte da construção de um roteiro sistematizado de aplicação de oficina. Para começar o processo de *brainstorm*, isto é, chuva de ideias, colocamos algumas perguntas para serem respondidas pelo próprio grupo-interventor sobre a temática do trânsito, empatia e construção de uma oficina a fim de que pudessem ser elencadas palavras-chaves que guiassem o planejamento.

Os *petianos* responsáveis pela oficina fizeram, então, a construção de um documento com base em critérios tomados como importantes para a concretude final desta ação. Esses pontos foram tomados como base a partir do material das autoras McCarthy e Galvão (2001), assim como pela disciplina de graduação em Psicologia intitulada como Práticas de Intervenção em Grupos, tais como: (1) nome e temática a ser abordada; (2) público-alvo; (3) tempo previsto de duração; (4) descrição e justificativa da atividade; (5) objetivo geral da oficina; (6) estratégias metodológicas; (7) material necessário.

Com a construção desses pontos, os quais serão explanados no tópico de Resultados e Discussão (Quadro 1), foi possível discorrer sobre as etapas específicas de uma oficina mencionadas anteriormente - aproximação, desenvolvimento e retorno - e como cada integrante iria ter seu papel de atuação prática vivencial. É nesse sentido que emerge o papel do facilitador e co-facilitador da oficina: estes membros têm a finalidade de facilitar a expressão da imaginação e da criatividade dos participantes do grupo (MCCARTHY; GALVÃO, 2001) e são divididos de maneira prévia pelo grupo-interventor a fim de que a prática seja melhor viabilizada.

Por fim, com o plano de trabalho estruturado, todos/as os/as integrantes do grupo PET GPP passaram por uma aplicação piloto desta intervenção de forma intragrupal, sendo os/as *petianos* o público-alvo deste teste. Após isso, nos empenhamos para ter um diálogo eficaz com alguma instituição de ensino que pudesse acolher a ação planejada e realizar a intervenção com um grupo de alunos compatível com aquele planejado. Assim, houve a concretização de uma parceria com a Escola Pública Estadual Professor Nelson Chaves, situada no município de Camaragibe-PE (Região Metropolitana do Recife), para a aplicação da oficina com um grupo de 40 alunos/as do segundo ano do Ensino Médio. Ademais, a oficina ocorreu de forma presencial seguindo todos os protocolos de biossegurança esperados para esse momento de transição pandêmica que estamos vivendo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do processo metodológico, foi possível construir a oficina Trânsito Empático e aplicá-la em uma instituição de ensino com alunos/as da Rede Estadual de Pernambuco como supracitado no tópico de metodologia. Como resultado da articulação interna do grupo PET GPP, foi possível concretizar o plano de trabalho para a realização da oficina Trânsito Empático. Este plano está disposto no Quadro 1 abaixo conforme os tópicos utilizados para a sua construção. Ademais, ressaltamos que um plano de trabalho não deve ser um documento engessado, isto é, tomado como padrão imutável para uma prática, pois entendemos que a vivência no campo é transformadora e deve impactar positivamente em possíveis mudanças que não podem ser previstas, mas vivenciada pelos facilitadores da ação. Sendo assim, também foi colocado no Quadro 1 uma coluna referente às possíveis alterações que vieram da prática realizada.

**Quadro 1:** Plano de Trabalho da ação

<b>TÓPICO GUIA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>ALTERAÇÃO REALIZADA</b>
Nome e temática a ser abordada.	Trânsito Empático: comportamento pautado na empatia (emoções) dentro da mobilidade urbana.	Sem alterações.
Público-alvo.	Estudantes do terceiro ano do ensino médio (30 alunos/as), entre 16 e 20 anos, que tenham pretensão de tirar a Carteira Nacional de Habilitação ou utilizar meios de transporte enquanto passageiro/a.	Alteração da etapa escolar: a oficina foi realizada com 40 estudantes do segundo ano do ensino médio por conta da disponibilidade de horário da escola.
Tempo previsto de duração.	1 hora e 30 minutos (2 horas/aula).	Sem alterações.
Descrição e justificativa da atividade.	Esse projeto surge diante de três bases/demandas: (1) aumento de acidentes e violência no trânsito, como ilustrado pelo caso ocorrido no bairro Tamarineira/Recife-PE que voltou à mídia diante do julgamento do caso; (2) base social do grupo PET Conexões Gestão Política-Pedagógica (PET-GPP) ao qual esse projeto se insere.	Sem alterações.
Objetivo geral da oficina.	Construir conhecimento sobre como encarar o trânsito de forma empática e quais as reverberações desta perspectiva dentro de nossa futura vivência enquanto motoristas e/ou passageiros.	Sem alterações.
Estratégias metodológicas.	Serão utilizadas metodologias de grupo baseadas nas teorias psicológicas sobre esta temática. Em um primeiro momento, ocorrerá um diálogo com os/as estudantes sobre seus objetivos de vida em relação ao trânsito e sobre os sentidos dados a ele. Após isso, teremos uma apresentação/exposição sobre o caso da Tamarineira e uma discussão sobre os aspectos	Alteração no manejo grupal devido aos seguintes pontos: (1) quantitativo de alunos/as superior

	psicológicos/emocionais/empáticos que estão vinculados ao ocorrido. No final, teremos um momento de despedida como fechamento grupal da temática.	ao esperado; (2) acústica do ambiente.
Material necessário.	Materiais físicos para o primeiro momento, como papel e lápis; material tecnológico como computador/notebook e projetor para a exposição.	Alteração devido ao contexto socioeconômico em que a escola está situada: utilização apenas de materiais físicos, isto é, dispensa dos materiais tecnológicos.

Fonte: os autores, 2022.

A partir do exposto, torna-se possível a discussão sobre o resultado, construção do plano de trabalho e a aplicação prática da oficina, com a revisão teórica propiciada anteriormente neste trabalho. De início, entendemos que a oficina se encaixa no eixo das atividades previstas do grupo PET GPP, pois tem como premissa a ação social através da educação. Acreditamos que a educação tem poder transformador nas práticas vivenciais e existenciais das pessoas, principalmente quando inseridas na socialização (BERGER; LUCKMANN, 2004) dentro dos momentos chave de nosso desenvolvimento. Sendo assim, esse conceito trazido por Berger e Luckmann (2004) acaba por ser traduzido em uma prática interventiva educacional com esses/as estudantes do ensino médio, propiciando uma construção de conhecimento que, por vezes, pode não ter sido feita devido às diversas questões sociais entrelaçadas em suas vivências, como o fator econômico e urbano.

Esta oficina com este grupo de estudantes de escola pública teve, em sua concepção, orientações de grupos arteterapêuticos que possibilitam exercer acolhimento e produzir transformações nos integrantes do grupo (MCCARTHY; GALVÃO, 2001; PHILIPPINI, 2011). Isso foi possível já no primeiro momento da oficina, na aproximação, em que chamamos de “Momento Bem-estar” com o objetivo de diminuir o nível de energia dos/as participantes, a partir de técnicas de alongamento corporal, para que pudessem ter um momento tranquilo de reflexão. Durante a prática, a partir desse primeiro momento, teve que ser feita a alteração no manejo grupal: estava previsto a formação de um grupo maior com todos/as os/as alunos/as os/as quais seriam subdivididos posteriormente em subgrupos para os próximos momentos. Entretanto, devido ao quantitativo de pessoas e à acústica da sala, tivemos que já iniciar em subgrupos. Após o momento de alongamento geral, 6 subgrupos foram formados e os/as

integrantes foram convidados a falar uma frase sobre o trânsito a partir de uma palavra sortida entregue pelo grupo-interventor.

Neste momento, foi perceptível que os/as estudantes passaram por um primeiro momento de introspecção, algo que foi já sendo alterado a partir do “Momento Bem-estar” relatado acima. Com a mudança da dinâmica grupal - único grupo grande para vários subgrupos - foi possível perceber que os discentes se sentiram mais abertos para a discussão uma vez que teriam que se expor menos ao restante da turma. Ademais, o fator de acomodação voluntária nos subgrupos foi algo que potencializou essas discussões, pois cada estudante teve a possibilidade livre de se juntar com seus colegas mais próximos, favorecendo o entrosamento e a forma com que nós, facilitadores, caminhávamos entre os grupos acompanhando o andamento da discussão e (re)direcionando para os caminhos planejados.

Em seguida, começou a etapa de desenvolvimento intitulada como “(Re)Construção de Textos” e “Caso Tamarineira”. Em um primeiro momento, cada subgrupo teve que (re)construir um texto fornecido pelo grupo-interventor a partir das palavras sortidas na etapa anterior. Esses textos foram selecionados, a partir do plano de trabalho, como base para a etapa subsequente, uma vez que os subgrupos teriam que discorrer sobre a temática das drogas, aspectos emocionais/psicológicos e conhecimento de leis de trânsito. Com isso, os/as integrantes dos subgrupos discutiram entre si a melhor maneira de (re)construir, livremente, os textos fornecidos visando solucionar os problemas de trânsito nas respectivas temáticas supracitadas.

A partir dessa (re)construção, cada subgrupo apresentava aos facilitadores uma síntese deste produto narrando esse processo grupal e, mesmo implicitamente, trazendo a (des)aprovação grupal a respeito do que foi concluído. Entendemos que este ato de narrar, isto é, colocar em abertura o Eu Narrador e o Eu Narrado, mesmo que na instância grupal, faz com que novos sentidos sejam produzidos a partir das experiências presentes e passadas daquele subgrupo, coletiva e individualmente (MENEGHEL; IÑIGUEZ, 2007). Isso se tornou perceptível quando, durante a narração, alguns membros/as do grupo solicitaram alterações a respeito do texto (re)construído, pois a narrativa gerada gerou novas inquietações, assim como episódios dos passados individuais foram trazidos como exemplos para o debate em questão.

Como mencionado no Quadro 1, optamos por selecionar um caso explícito de falta de empatia no trânsito para que fosse tomado como base para a ação e que fizesse sentido com o contexto em que os/as alunos/as estivessem vivendo no cotidiano urbano. Para tanto, o caso escolhido foi “Caso da Tamarineira” sendo este um conhecido episódio de acidente no trânsito na cultura regional da RMR. Este caso envolveu as temáticas de álcool e outras drogas, emoções “à flor da pele” do/a motorista, histórico psicológico, social e familiar do/a motorista e



conhecimento das leis de trânsito (G1 PE, 2017, 2022; G1 PE; TV GLOBO, 2017). Neste momento, os subgrupos receberam um resumo escrito do caso e tiveram que debater sobre o impacto das mortes causadas pela imprudência do motorista em questão e em como evitá-las.

Neste momento, o grupo-interventor teve um papel ativo na discussão, pois circulava entre os subgrupos com o intuito de analisar se as discussões ali promovidas estavam sendo direcionadas para a produção de sentidos sobre: um melhor comportamento no trânsito, isto é, ter empatia com o próximo, saber os limites e deveres de um/a bom/a condutor/a e as ações que devemos tomar em casos de problemas emocionais/psicológicos. Esse papel interventivo da facilitação foi de suma importância uma vez que, dentro desse contexto de jovens, haviam histórias e vivências relacionadas ao trânsito que iam de encontro direto com aquilo que estava sendo produzido coletivamente como um comportamento, uma atitude e uma ação empática favorável para o deslocamento urbano. Como exemplo, podemos citar casos de estudantes que relataram já terem dirigido veículos automotores mesmo não possuindo a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), ou episódios familiares de acidentes que poderiam ser evitados e que foram ocasionados devido a uma imprudência do/a motorista.

Por fim, ocorreu o momento de retorno com a solicitação de um *feedback* avaliativo assistemático de cada subgrupo, sobre suas impressões acerca dos debates gerados a partir do todo produzido nesta oficina. Ademais, entendemos que a ação educadora não deve ser finalizada na sala de aula, mas na construção de uma existência ética e autêntica desses/as alunos/as, entregamos uma cópia física de uma das partes da cartilha “Educação Para o Trânsito” (RODRIGUES et al., s.d.), promovida pela Universidade Federal de Goiás (UFG), a respeito dos deveres e não deveres de um motorista que é guiado pela direção defensiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em mente que somos pessoas inseridas em um determinado contexto sociocultural, a educação se torna um dos dispositivos possíveis capazes de gerar aprendizagens de conceitos, valores e regras sociais necessárias para um convívio harmonioso em sociedade. Ao refletirmos sobre o papel social da educação nas instituições escolares, entendemos ser um grande desafio o compromisso social de formar cidadãos com uma perspectiva de mundo crítica, pautada no comportamento, identidade e sentidos empáticos que levam a um bem-estar individual e coletivo, visto o desmonte educacional atual no Brasil e a dificuldade docente de propiciar atividades/oficinas como esta relatada neste trabalho.



Nesse sentido, a oficina Trânsito Empático desenvolvida por integrantes do grupo PET GPP, acolheu, através da extensão universitária, uma demanda social no que tange ao desenvolvimento de atividades educativas voltadas à educação para o trânsito e a importância de se ter responsabilidade e empatia enquanto motorista e passageiro/a, partindo de uma construção metodológica que fizesse sentido com o contexto em que a ação estaria inserida. Assim, o uso dessas estratégias de grupo voltadas para o campo da psicologia ao discutir o conhecido “Caso da Tamarineira”, favoreceu a compreensão dos alunos acerca da gravidade dos atos imprudentes no trânsito e as consequências que eles podem trazer.

Além disso, a estrutura da oficina, voltada para o diálogo e compartilhamento de experiências individuais e grupais, possibilitou que os estudantes presentes guiassem junto a nós, facilitadores, os rumos da oficina no que diz respeito aos debates e reflexões trazidas gerando, assim, novos sentidos sobre o ato de dirigir e a propagação de uma voz ativa para cada uma das pessoas envolvidas no processo. Cumpru-se, então, um dos princípios básicos proposto pelo Programa de Educação Tutorial (PET) ao proporcionar o diálogo entre a universidade e a sociedade por meio de um conhecimento democrático que contribui para a conscientização e produção de novos sentidos acerca da importância da empatia no trânsito.

Por fim, destaca-se a importância da continuação de promoção de estratégias voltadas para o ensino e a extensão universitária a partir de ações como esta realizada, uma vez que não só a comunidade ganha com tais ferramentas, como também para os estudantes universitários envolvidos, pois há uma ampliação do conhecimento teórico para além dos “muros” acadêmicos em sua aplicação prática junto à comunidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Os autores deste trabalho agradecem ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e à Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) pela disponibilização de bolsas para o Programa de Educação Tutorial. O PET Conexões Gestão Política-Pedagógica (re)afirma a importância desse incentivo à ciência como forma de viabilizar ações e estratégias de diálogo com a comunidade, circunvizinha à universidade, partindo da manutenção e estabilidade acadêmica dentro da graduação.

Ademais, também agradecemos à docente e à direção pedagógica da Escola Pública Estadual Professor Nelson Chaves (Camaragibe-PE) por ter acolhido a proposta do grupo e ter propiciado um momento de construção coletiva de conhecimento com jovens do Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A interiorização da realidade: socialização primária e socialização secundária. *In: A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, p. 137-188, cap. 3. 2004 (Original: 1966).

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de Orientações Básicas - PET**. 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/232-programas-e-acoes-1921564125/pet-programa-de-educacaotutorial-645721518/12228-manual-de-orientacoes-pet>>

FERNANDES, M. C. *et al.* Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das cidades circunvizinhas. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 169-194, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982012000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400007&lng=en&nrm=iso)>.

G1 PE. Morre menino de três anos ferido em acidente de trânsito causado por motorista embriagado no Recife. Pernambuco. **G1 Pernambuco**, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/morre-menino-de-cinco-anos-ferido-em-acidente-de-transito-causado-por-motorista-embriagado-no-recife.ghtml>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

G1 PE. Acidente na Tamarineira: 'Já tenho tristeza demais, mas a Justiça me honrou', diz sobrevivente após motorista que matou três ser condenado a 29 anos de prisão. **G1 Pernambuco**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/03/18/acidente-na-tamarineira-ja-tenho-tristeza-demais-mas-a-justica-me-honrou-diz-sobrevivente-apos-motorista-que-matou-tres-ser-condenado-a-29-anos-de-prisao.ghtml>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

G1 PE; TV GLOBO. Motorista embriagado avança sinal, atinge carro com família e deixa dois mortos e três feridos no Recife. **G1 Pernambuco**, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/acidente-envolvendo-familia-na-zona-norte-do-recife-deixa-dois-mortos-e-quatro-feridos.ghtml>>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

MCCARTHY, J.; GALVÃO, K. **ARTPAD: Um recurso para teatro, participação e desenvolvimento**. DiFID, UK, Brasil e Peru, 2001.

MENEGHEL, S. N.; IÑIGUEZ, L. Contadores de histórias: práticas discursivas e violência de gênero. **Cad. Saúde Pública**, v. 23, n. 8, 1815-1824, 2007.

MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em psicologia: revisão de literatura. **Psicologia Ciência & Profissão**, v. 29, n. 2, p. 276-289, 2009.

MONTALVÃO, C. S. L. L. *et al.* Grupos PET Conexões de Saberes como instrumento de permanência no ensino superior. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial - Três Lagoas/MS**, v. 2, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://desafioonline.ufms.br/index.php/REPET-TL/article/view/10230>>. Acesso em: 14 de jun. de 2022.



NOBRE, F. E.; SULZART, S. O papel social da escola. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 03, p. 103-115, ago. 2018.

PHILIPPINI, Â. **Grupos em arteterapia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

RODRIGUES, B. *et al.* **EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO**. Engenharia de Transportes, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Goiás, s.d. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/767/o/Carilha\\_-\\_Educação\\_para\\_o\\_trânsito\\_ok.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/767/o/Carilha_-_Educação_para_o_trânsito_ok.pdf)>. Acesso em: 15 de jun. de 2022.

SPINK, M. J. (org) *et al.* **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2013.

SPINK, M. J. P.; FREZZA, R. M. Práticas Discursivas e Produção de Sentido: a perspectiva da psicologia social. *In*: SPINK, Mary Jane (org) *et al.* **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 1 – 21. 2013.

TEIXEIRA, L. H. C. S. *et al.* DIVERSIFICA PET: Intervenções Possíveis Buscando a Pluralidade Grupal Dentro do Programa de Educação Tutorial. *In*: FARIAS, H. P. S. (org.). **A Sociedade no Processo de Transformação Social**. Rio de Janeiro: Editora Eritaya, 2022. doi: 10.47879/ed.ep.2022410p182. Disponível em: <<https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/364>>. Acesso em: 14 de jun. de 2022.

VICENTINI, D.; BARROS, M. S. F. A humanização da criança na educação infantil: implicações da teoria histórico-cultural. **Educação**. v. 42, n. 1, p. 163-176, 2017.